

# ESPAÇO, MEMÓRIA E PODER: ROTEIROS GEOGRÁFICOS NA PLANÍCIE CAMPISTA

**Área Temática:** Turismo e Patrimônio

**Autor:** Clara Lua Silva Medeiros

**Instituição:** Universidade Federal Fluminense / Campos dos Goytacazes - RJ

**Email:** [luaclara.medeiros@gmail.com](mailto:luaclara.medeiros@gmail.com)

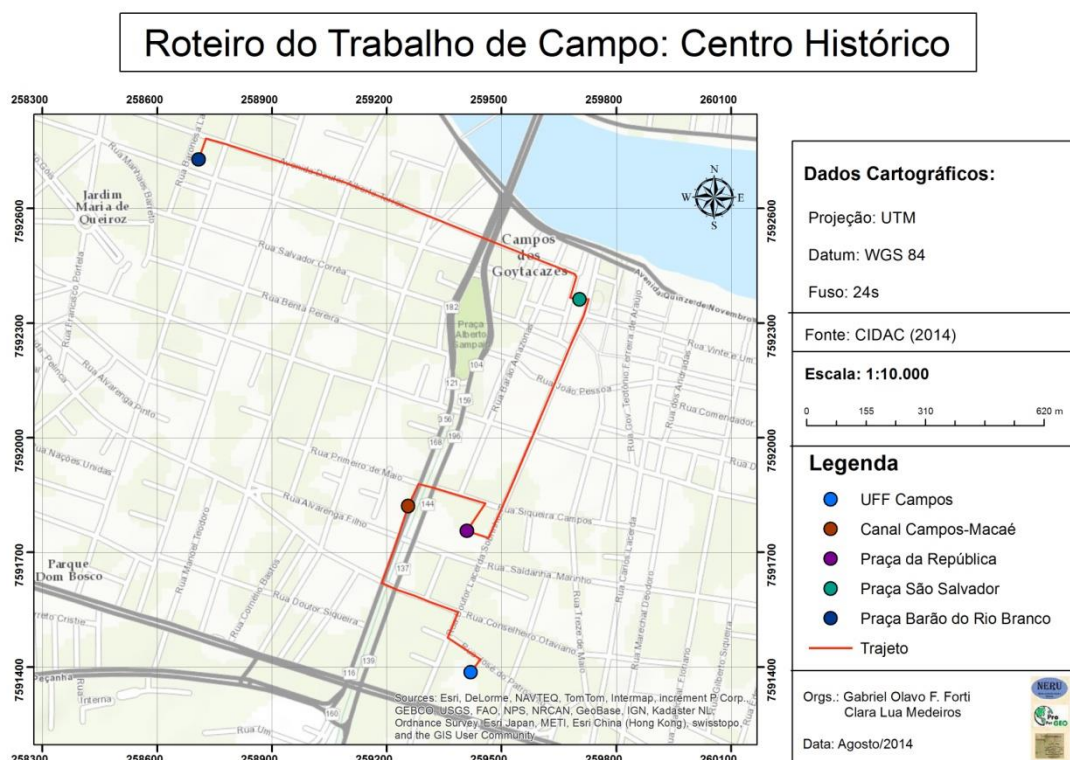
**Resumo:** A cidade é abrigo para inúmeros processos sociais, alguns destes processos são capazes de exprimir materializações, caracterizadas enquanto formas espaciais. Deve-se destacar que processos sociais são compreendidos enquanto fatos de natureza social, isto é, fatos cunhados pela própria sociedade. Através de levantamento bibliográfico foram selecionados alguns pontos considerados importantes na dinâmica da cidade de acordo com a sua representação histórica e simbólica. Posteriormente, elaborou-se um roteiro com base na seleção realizada além da confecção de um mapa com os pontos selecionados e pesquisa iconográfica em sites e documentos afim de ilustrar os pontos a serem visitados. Desde a criação do projeto, três roteiros foram executados havendo participação de estudantes dos cursos de graduação em Geografia, História, Arquitetura, Ciências Sociais, Serviço Social e Economia. O roteiro contempla a visita dos seguintes pontos: (1) Universidade Federal Fluminense; (2) antigo Canal Campos-Macaé; (3) Praça da República; (4) Praça São Salvador; (5) Praça Barão do Rio Branco. Os objetos geográficos visitados são uma herança histórica da época em que foram construídas e as transformações no espaço urbano denotam da necessidade de afirmar Campos dos Goytacazes enquanto uma cidade dotada de espaços de sociabilidade e modernidade. As materialidades expressas representam a história que os grupos sociais contam de si. O espaço urbano reflete representações e altera-se em função dos usos que a sociedade faz dele e, portanto, não se constrói e reconstrói apenas a partir do espaço físico. Formas espaciais refletem-se no espaço e são elementos essenciais para a compreensão da cidade.

**Palavras-chave:** Formas espaciais; materialidades; espaço urbano; roteiro.

## Introdução

A viabilização do estudo do espaço torna-se imprescindível para a compreensão deste como fruto de ações históricas que são acumuladas através da ação do tempo. Com a realização de um roteiro que contemple a visita de objetos geográficos materializados na paisagem urbana da cidade, é possível a compreensão de dinâmicas de organização da mesma. A área central da cidade possui uma importância simbólica, dado que concentra grande parcela do patrimônio histórico, artístico, arquitetônico e político. Este trabalho tem por objetivo elucidar aos participantes do roteiro a percepção das modificações ocorridas no espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, de modo que esta análise constitua-se como um instrumento afim de facilitar a compreensão e percepção de mundo de cada participante, contribuindo também para um maior exercício da prática da reflexão.

A área escolhida para o estudo; encontra-se à margem direita do rio Paraíba do Sul. Esta parcela do território apresentou dificuldades na habitação no período colonial devido às lagoas que apresentava, por tratar-se de uma área pantanosa. Essas lagoas recebiam o nome das pessoas que moravam às suas margens, eram grandes proprietários de terra. Foram necessárias sucessivas obras de drenagem para a expansão da cidade, que ocorreu inicialmente na segunda metade do século XVII.



**Mapa 1: Recorte da área em estudo**

## Contextualizando a cidade e região

A cidade de Campos dos Goytacazes teve como a sua primeira atividade econômica a pecuária, esta era diretamente ligada ao início do povoamento de Campos em 1632, e não somente de Campos, mas também de toda a região Norte Fluminense. De povoado, passou para a categoria

de Vila, e, em 1835 torna-se cidade. A área central marca o início da ocupação da cidade e a proximidade com o rio Paraíba do Sul facilitou a obtenção e canalização de água, assim como no transporte de pessoas e mercadorias.

Na segunda metade do século XVII tem-se início a produção da cana-de-açúcar em Campos, e no século XVIII esta torna-se a principal atividade. (SOFFIATI, 1997: 3). O cultivo da cana ganhou força e consolidou-se. Podemos diagnosticar a expansão da agroindústria açucareira no início do século XIX; e acompanhando esse processo, a introdução de maquinários nos processos de extração e produção de mercadorias relacionadas à cana. É possível realizar um paralelo do desenvolvimento da economia canavieira com modificações na dinâmica urbana da cidade.

Segundo Alves:

O processo de uso e ocupação do solo urbano, no caso de Campos, se deu a beira da margem direita do Rio Paraíba do Sul, com toda a relação de comércio. Mesmo sendo à beira do rio, escolheu-se a parte mais alta para instalar a cidade, ou seja, a praça (sic) São Salvador e seu entorno. (ALVES; COSTA, 2000, p. 3735).

Por apresentar vasta extensão territorial e conseqüentemente uma grande dispersão entre as cidades, após o processo de independência o Estado brasileiro ordenou uma série de reformas urbanas que objetivavam a integração do território nacional; a ampliação das relações entre o campo e a cidade; bem como estreitar os laços entre as cidades e a capital da província a que elas pertenciam.

Com a chegada da linha férrea, no período colonial a cidade passou por maiores transformações e sua participação na economia regional foi aumentando gradativamente; ocorreu também um aumento no número de migrantes, que para instalarem-se, deslocavam-se para outras partes da cidade, promovendo a urbanização dessas áreas. A ampliação da malha urbana deu-se primeiramente em direção à porção oeste do centro histórico.

No que diz respeito à discussão do conceito de reforma urbana, devemos destacar o discurso progressista que foi atribuído à estas e, posteriormente sua institucionalização de forma autoritária pelos chefes de Estado. Tratam-se de intervenções urbanísticas, que objetivam dar uma maior funcionalidade ao espaço, visam a estética e a ordem. Alguns autores, como SOUZA(2008) afirmam que o emprego correto deste termo seria *reforma urbanística*, devido à não participação popular neste processo. Aqui, usaremos o termo intervenções urbanísticas devido à não continuidade dos planos previamente estabelecidos.

Como nosso objetivo é analisar as intervenções urbanísticas ocorridas na cidade de Campos, devemos compreender também a gênese do termo “espaço urbano”. O espaço urbano é produto social, fruto de ações que são acumuladas através da ação do tempo. Diferentes atores são capazes de modelar esse espaço, eles podem ser o Estado, os proprietários fundiários, os proprietários dos meios de produção, os promotores imobiliários e os grupos sociais excluídos. Trata-se de um constante processo de reorganização espacial, modelado pelas ações dos conflitos de classe manifestados na cidade (CORRÊA, 2006).

A cidade é abrigo para inúmeros processos sociais, alguns destes processos são capazes de exprimir materializações, que são caracterizadas como formas espaciais. Deve-se destacar que processos espaciais são compreendidos enquanto fatos de natureza social, isto é, fatos cunhados pela própria sociedade. Os atores sociais são capazes de atuar enquanto modeladores espaciais quanto articulam entre si e deslocam e realocam atividades e parcelas populacionais através de planos urbanísticos.

A escolha da área central para a execução deste trabalho é dada, tendo em vista que a mesma apresenta objetos geográficos que ao materializarem-se no espaço exprimem a história de toda uma sociedade. A atividade foi proposta em formato de roteiro por tratar-se de um instrumento didático onde os participantes podem ser parte do processo de percepção e análise dos fenômenos que foram propostos para o estudo.

Segundo Canpiani e Carneiro (1993, p. 90) o trabalho de campo desempenha na prática educativa quatro funções:

Ilustrativa, cujo objetivo é ilustrar os vários conceitos vistos nas salas de aula; motivadora, onde o objetivo é motivar o aluno a estudar determinado tema; treinadora, que visa a orientar a execução de uma habilidade técnica; e geradora de problemas, que visa orientar o aluno para resolver ou propor um problema.

O roteiro em formato de trabalho de campo é entendido como toda e qualquer atividade investigativa e exploratória que ocorre fora do ambiente escolar, é um tipo de atividade muito bem aceita, capaz de despertar maior interesse dos envolvidos (CAVALCANTI 2011).

### **Discutindo os pontos do roteiro**

Este roteiro contempla a visita dos seguintes pontos: (1) Universidade Federal Fluminense; (2) antigo Canal Campos-Macaé; (3) Praça da República; (4) Praça São Salvador; (5) Praça Barão do Rio Branco.

Iniciamos na Universidade Federal Fluminense, que está presente em Campos desde 1962, com o curso de Serviço Social, inicialmente como setor regional da Escola de Serviço Social de Niterói. A interiorização foi realizada pelo trabalho de duas mulheres: Violeta Campofiorito Saldanha da Gama e Heloisa Monteiro Paixão. Violeta lecionava no campus da UFF em Niterói, e pôde observar que os estudantes do interior do estado do Rio de Janeiro deslocavam-se para a capital no intuito de profissionalizarem-se e, após a conclusão do curso dificilmente retornavam às suas cidades de origem. Heloisa, assistente social em Campos, percebeu que havia uma certa carência de profissionais deste campo atuando na cidade. Diante desse fato, discutiram com uma equipe e optaram pela interiorização. A implantação do curso de Serviço Social em Campos, marca o início de uma história de oportunidades aos profissionais do interior.

A primeira sede da Escola de Serviço Social foi em um pequeno anexo do grupo Escolar XV de Novembro, posteriormente mudou-se para um Centro de Peuricultura (hoje APIC), em seguida para um anexo no Hospital Álvaro Alvim. E, finalmente em 13 de julho de 1975 teve sua sede própria na rua José do Patrocínio, a propriedade pertencente à família do médico Luiz Sobral, que fora prefeito em 1930. Esta sede foi ampliada em 26 de outubro de 1998.

Em 28 de julho de 1999, criou-se o Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, que possibilitou a criação do departamento de fundamentos, de cursos de pós-graduação e de uma maior dinamização de projetos de pesquisa e extensão.

Uns dos princípios da UFF é promover a interiorização do Ensino Superior, sendo assim no ano de 2008, a UFF aderiu ao Programa do Governo Federal de expansão e ampliação do acesso e permanência do Ensino Superior (REUNI). E, no ano de 2009 teve início os cursos de Ciências Econômicas (bacharelado), Ciências Sociais (licenciatura e bacharelado), e Geografia (licenciatura e bacharelado). Em março de 2011, História (licenciatura e bacharelado) e Psicologia (licenciatura, psicólogo e bacharelado). Deste modo, a Universidade atua na cidade e na região como produtor do

espaço urbano, não apenas por abrigar uma estrutura física, mas também por formar profissionais capazes de dialogar e atuar junto aos demais atores produtores deste espaço.

Nesta seção, vamos ater-nos à análise dos topônimos; por se tratar de uma expressão linguística de base sócio histórica dos lugares e dos espaços geográficos; deste modo buscamos por uma extensão do olhar geográfico aos símbolos e ideologias nos espaços e também aos nomes que atribuem valores e práticas de grupos, levando em consideração a influência e a importância da origem e do processo de evolução que causa das devidas alterações.

Sobre a análise dos topônimos, destacamos a figura de José do Patrocínio, que nomeia a rua onde está localizada a UFF-Campos. Este fora jornalista, orador, poeta e romancista, destacou-se enquanto um dos personagens mais importantes do abolicionismo e proponentes do regime republicano. Compareceu às sessões preparatórias da instalação da Academia Brasileira de Letras e fundou a Cadeira nº. 21, que tem como patrono Joaquim Serra.

José do Patrocínio nasceu em Campos, RJ, em 9 de outubro de 1853. Passou a infância na fazenda da família, situada próximo à Lagoa de Cima onde pôde observar desde criança a situação dos escravos e assistir a castigos que lhes eram infligidos. Por certo nasceu ali a extraordinária vocação abolicionista. Em 1879 iniciou a campanha pela Abolição. Em torno dele formou-se um grande coro de jornalistas e de oradores, entre os quais Ferreira de Meneses, na Gazeta da Tarde, Joaquim Nabuco, Lopes Trovão, Ubaldino do Amaral, Teodoro Sampaio, Paula Nei, todos da Associação Central Emancipadora. Ali se fizeram os melhores nomes das letras e do periodismo brasileiro do momento, todos eles chamados, incentivados e admirados por Patrocínio. Foi de sua tribuna da Cidade do Rio que ele saudou, em 13 de maio de 1888, o advento da Abolição, pelo qual tanto lutara.

Dando continuidade ao roteiro, seguimos em direção ao Antigo Canal Campos-Macaé, construído no século XIX devido à uma crescente necessidade de escoar a produção de alimentos e cana de açúcar de Campos dos Goytacazes e de toda a região. Muitos destes produtos já eram escoados por hidrovias, e posteriormente estas mercadorias transitavam em direção a capital: Rio de Janeiro. Esta prática trouxe alguns prejuízos financeiros, já que a foz do rio é uma área de turbulenta navegação.



**Foto 1: Recorte do Canal Campos-Macaé em meados do século XX e atualmente**  
Fonte: Arquivo particular da autora

A partir de estudos prévios encaminhados à coroa portuguesa sobre a viabilidade e necessidade da construção de um canal que interligasse os rio Paraíba do Sul e a cidade de Macaé, desenvolvidos respectivamente por José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho e barão e visconde de Araruama; em 1837 foi autorizado o projeto. Aponta-se que Campos e região, após a chegada da família Real no Brasil, em 1808, serviram como abastecedores de produtos rurais e alimentos.

Trata-se de um canal construído por mão de obra escrava, com 106 km de extensão e 15 m de largura, este fora inaugurado com toda a extensão a navegação em 1861 e configura-se enquanto terceiro maior do mundo. Mesmo com a grande quantidade de recursos empregados na manutenção do canal, a inviabilidade do mesmo ocorreu em 1872 com a inauguração da Estrada de Ferro.

A construção do canal denota a articulação entre Elites Locais, representadas pelos latifundiários, e o Estado, que legitima os anseios e desejos do grupo anterior através de decretos e leis.

Em primeiro plano, como parte integrante do roteiro já apresentado, o busto de Lacerda Sobrinho na Praça da República caracteriza-se enquanto representação social de um importante agente na mediação política e profissional do município. Trata-se de um monumento tombado pelo Conselho de Preservação do Patrimônio Municipal – COPPAM, sob o artigo 3º da Lei 7.527, de 19 de dezembro de 2003, alterada pela Lei 8.151, de 26 de março de 2010.

Lacerda Sobrinho foi o fundador do Jornal “A tribuna”, formado em medicina, nascido em Campos dos Goytacazes no ano de 1880. Apresentou um histórico de lutas, que o tornou figura conhecida pela sociedade campista. Em 1881, fundou junto com Luiz Carlos Lacerda e José do Patrocínio a Sociedade Campista Emancipadora, que propagava a luta da emancipação dos negros na região. Estes ficaram conhecidos como “tigres da abolição”.

Bem articulado no cenário político do início do séc. XX, enquanto médico dedicou-se ao combate da peste bubônica em Campos e faleceu por ter contraído a mesma em 1906. Indica-se que Lacerda Sobrinho morou aonde é hoje a rua com seu respectivo nome. Em consonância e esse fato, observa-se que grande parte das clínicas e hospitais particulares ocupam os arredores dessa rua.

O quarto ponto do roteiro é a Praça São Salvador, local onde iniciou-se a urbanização da cidade. A vila São Salvador foi criada para ser o centro de trocas comerciais de toda a região, e formava junto com São João da Barra e Macaé uma importante tríade na distribuição de produtos da região para o Rio de Janeiro, de onde esses produtos seguiam para exportação (FARIA, 2006). Essa aglomeração entre as cidades foi descrita por Couto Reys, nos seus *Manuscritos de 1785*, como “a metrópole mais rica e populosa das submetidas ao Rio de Janeiro” (REYS, 1997, p. 52).

As primeiras intervenções urbanísticas deram-se a partir do século XX, pautadas no discurso da insalubridade, da busca por melhores condições de saúde. Deste modo o engenheiro sanitarista Saturnino de Brito foi contratado para desenvolver um projeto que melhorasse as condições de higiene e saneamento na cidade. Vale destacar que esses problemas eram agravados pelas constantes enchentes que ocorriam na área central, em consonância com as características físicas do meio, que era dotado de lagoas, pântanos e brejos; e, pelo crescente processo de migração para essas localidades. Paralelo à implantação deste projeto, ocorreu a expulsão da população que não gozava de nenhum tipo de influência política, do centro. Trata-se de um projeto de modernização. Neste momento, a cidade torna-se um problema.

As ruas 21 de Abril, Sete de Setembro, Constituição e Formosa são alargadas; a antiga praça São Salvador, já com um belo jardim, é ornamentada com uma fonte, os edifícios se renovam como o edifício Rennes, o edifício do Café High Life, do Bom Marché, novos edifícios aparecem como o do Banco do Brasil (1910), a nova sede da Associação Comercial (1913), o edifício dos Correios e Telégrafos e a sede da Banda de Música Lira de Apolo (1917), o teatro Trianon (1921). (...) A maior parte dessas construções se encontram na Praça de São Salvador ou no cruzamento

da rua 7 de Setembro com 13 de maio, chamado Boulevard da imprensa, o que transforma esses lugares em pontos de centralidade e animação, muito importantes para as relações sociais na cidade. (FARIA, 2000, p.9)

Os discursos sobre a ausência de higienização na cidade vão perdurar por toda a primeira década do século XX. E traz a tona uma nova discussão que tange à produção de um novo modo de viver, relacionado agora ao urbano. Isto começa a ser entendido como um objeto de estudo específico de uma nova ciência, o urbanismo.

Vale destacar que essas intervenções urbanísticas contemplavam apenas a área central; fazendo com que os espaços periféricos ficassem a margem de qualquer tipo de planejamento, adquirindo então características próprias.

“A ciência e a arte do urbano se constituem no Brasil sob a inspiração do urbanismo europeu” (FARIA, 2006). O Rio de Janeiro já vivenciara essa transformação, a cidade de Campos moldava-se aos padrões da então capital e, as outras cidades do interior tinham em Campos a referencia destas novas estruturas. Após a introdução de um novo plano urbanístico para a cidade do Rio de Janeiro, elaborado pelo engenheiro Alfred Agache em 1927 é que este novo campo do saber estabelece-se de fato no Brasil.

O então prefeito da cidade de Campos, Salo Brand contrata a empresa Coimbra Bueno para elaborá-lo, dando atenção especial ao latente processo de expansão territorial, entendendo que os problemas não constituem-se mais no que diz respeito a ordem econômica, mas também social. Deste modo, este novo plano decorreu de um estudo mais detalhado da cidade, tanto do ponto de vista histórico, quanto do ponto de vista cartográfico. Ele privilegia uma maior organização da cidade, aliando beleza à funcionalidade, buscando integrar as partes mais afastadas à área central. Este plano não foi executado em sua totalidade, o que fez com que determinados problemas enfrentados acabassem persistindo, contudo, este plano datado em 1944 configura-se como emblemático pois as intervenções posteriores seguiam seus moldes.

Na década de 70 ocorreu um agravamento da crise sucroalcooleira em consonância com o aumento dos conflitos consequentes da expansão urbana desordenada; fruto do processo de êxodo rural, onde a população ocupa de forma mais intensa a zona urbana da cidade. Foi a partir deste latente processo que em 1979 o então prefeito Raul David Linhares elabora o PDUC (Plano de Desenvolvimento Urbanístico e Territorial de Campos), comprometendo-se com a análise de relações sócio-econômicas, geopolíticas e culturais do momento.

Assim como nos planos anteriores, este também não foi implantado na sua totalidade, o que nos faz concluir que estes não foram capazes de eliminar as contradições existentes no espaço urbano da cidade de Campos.

Neste ponto do roteiro, atualmente podemos observar a Catedral de São Salvador, mandada construir pelo donatário Salvador Corrêa de Sá e Benevides em 1929. Em estilo neoclássico, destacam-se os 32 vitrôs ricamente trabalhados, obra de Dom Henrique Fernandes Morão, 1º Bispo de Campos e do Monsenhor de Barros Uchôa. Esta catedral é emblemática no que diz respeito à sua materialização no espaço.



**Foto 2: Roteiro em andamento na Praça São Salvador**

Fonte: Arquivo particular da autora

Destacamos também no espaço o Museu Histórico de Campos, construído em fins do século XVIII pelo Brigadeiro José Caetano Marcelus Coutinho, Morgado de Capivari e tio de José Carneiro da Silva, o 1º Barão de Araruama, que herdou esta propriedade. O prédio foi adquirido pelo poder público, depois do falecimento do Barão em 1864, e abrigou a Câmara e a Prefeitura Municipal. Em 1903 o então presidente da Câmara contratou o Engenheiro-arquiteto Miguel Clament, para adaptar o edifício vizinho para nele instalar a Biblioteca Municipal. Este prédio originalmente construído para ser sede do Quartel do Corpo de Bombeiros, sem ter tido este uso foi anexado ao edifício da Câmara e nele inaugurada a Biblioteca.

Ao realizar um estudo do espaço no intuito de identificar as materializações de determinados grupos sociais, percebemos que a análise não se limita à observação e descrição de aspectos físicos, mas também de identificar as relações que estes elementos exprimiram num determinado período histórico e os significados que inserem estes grupos nesta determinada localidade.

Na segunda metade do século XIX, o local que circunda a praça Barão do Rio Branco, nosso quinto e último ponto, era uma chácara e pertencia a José Martins Pinheiro. Além de ser um senhor de engenho muito rico, também ocupava os cargos de Juiz de Paz e vereador. O que o tornou uma figura pública neste espaço de tempo. Ao tornar-se o Barão da Lagoa Dourada, este, entrou com um pedido junto à Câmara Municipal que objetivava a criação de ruas circundantes ao seu terreno. O que denota uma articulação junto ao Estado, visando interesses individuais.

O prédio original, que serviu de moradia para o barão continua preservado. Atualmente funciona uma escola estadual de ensino médio, o Liceu de Humanidades de Campos, fundado em 1880. As obras do Solar do Barão da Lagoa Dourada tiveram início em 1861 e foram concluídas em 1864. A construção tem uma fachada no estilo neoclássico e o salão nobre mostra as marcas arquitetônicas, testemunhas de um período de prosperidade. Este prédio foi tombado pelo INEPAC- Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural - em 1998 e transformou-se em um centro cultural.



Com relação aos topônimos, citados anteriormente neste trabalho, percebemos que os nomes das ruas que circundam esta praça fazem referência a personalidades deste período; o Barão e a Baronesa da Lagoa Dourada. Estes, por sua vez deram início à expansão do tecido urbano nesta direção da cidade. “O interessante é que, após a proclamação da república, em 1889, muitos nomes de ruas e logradouros da cidade foram trocados para homenagearem figuras do Império, mas isso não ocorreu neste local, o que o torna ainda mais significativo, em termos históricos(...)” TAVARES, MIRANDA (2009)

Compondo esta localidade, percebemos outro objeto geográfico que denota de representações sociais, a Villa Maria. Trata-se de um casarão em arquitetura italiana construído em 1918 para ser residência do usineiro Atilano Crisóstomo de Oliveira e sua esposa Maria Queiroz de Oliveira, conhecida como Dona Finazinha. Este imóvel foi deixado em testamento para servir de sede a uma futura universidade. Entre 1978 e 1989 o prédio foi sede para o Governo Municipal e nos anos 90 foi tombado pelo INEPAC e incorporado ao patrimônio da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF-. Atualmente funciona enquanto casa de cultura e oferece cursos, sala de vídeos, exposições e conferências.

Nos arredores da praça, observamos também a presença marcante do prédio da atual Câmara de Vereadores de Campos dos Goytacazes. Este fora construído como parte das comemorações de 100 anos da cidade para abrigar um fórum, intitulado Nilo Peçanha, que fora uma homenagem ao único presidente campista que exerceu mandato no início do século XX. Esta materialidade, ocasionou grande impacto por seu estilo monumental inspirado no Parthenon de Atenas e em templos greco-romanos de ordem coríntia. A construção exibe em seu frontão principal uma alegoria à Lei e à Justiça e foi tombado pelo Patrimônio Histórico em 1988 por ser considerado um dos principais marcos arquitetônicos da cidade. Foi em 2007, com a inauguração do novo prédio da justiça, na Av. XV de Novembro que o fórum foi desativado por ter tornado-se obsoleto, e transferido para o novo endereço. Como mencionado anteriormente, este prédio encontra-se com a fachada preservada e abriga a Câmara de Vereadores de Campos dos Goytacazes.



**Foto 3: Praça Barão do Rio Branco, ao fundo o antigo Fórum Nilo Peçanha**

Fonte: Arquivo particular da autora

## Considerações Finais

Desde a colonização portuguesa, a cidade teve dois momentos importantes relacionados à atividades econômicas; a primeira com forte relação com o meio rural e a segunda marcada pela extração mineral. A indústria sucro-alcooleira (vigente por mais tempo) foi responsável por consolidar os grandes proprietários de terra de toda a região enquanto Elite articuladora e responsável pela evolução da malha urbana da cidade. A partir da década de 70, a indústria de petróleo e conseqüentemente, a inserção dos royalties na economia de muitas cidades da região, alteraram a estrutura das cidades e acabam por contribuir para a persistência de muitas desigualdades.

Campos dos Goytacazes, como muitas cidades do Brasil gozou da influência européia nas intervenções urbanísticas as quais vivenciou. As transformações ocorridas no espaço urbano delimitadas sobretudo pelas relações de poder entre o Estado e a Elite, denotam da necessidade de afirmar Campos enquanto uma cidade dotada de lugares de sociabilidade e modernidade. Os objetos geográficos tratam-se de uma herança histórica e estão harmonizados com o pensamento vigente da época em que foram materializados no espaço; por espelhar representações sociais este espaço pode ser capaz de produzir e reproduzir relações sociais desiguais. O fato é que este se altera em função dos usos que a sociedade faz dele, e portanto, não se constrói apenas a partir do espaço físico. Formas espaciais refletem-se no espaço e são elementos essenciais para a compreensão da cidade.

A proposta deste trabalho é vista na perspectiva da interdisciplinaridade e na estruturação dos problemas sociais e do desenvolvimento local e regional. A partir da participação no roteiro e o conhecimento dos objetos e dinâmicas de funcionamento da cidade, o processo de aprendizagem do indivíduo passa a depender de observações próprias, de atitudes reflexivas, questionadoras, que decorrem do diálogo e da interação com a realidade. Os participantes passam a questionar aspectos sociais e políticos; promovendo de forma crescente suas conscientizações críticas.

## Referências Bibliográficas

ALVES, HeloizaManhães; LESCE-CCH-UENF, Política. Modernização Urbana e Poder Político em Campos dos Goytacazes (1930-40).

COMPIANI, Mauricio; CARNEIRO, Celso Dal Ré. Os papéis didáticos das excursões geológicas. Enseñanza de lasCiencias de laTierra, v. 1, n. 2, p. 90-97, 1993.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. Abordagem metodológica do trabalho de campo como prática pedagógica em Geografia. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 15, n. 2, p. 165-176, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

FARIA, Teresa de Jesus Peixoto. As reformas urbanas de Campos e suas contradições. O plano de 1944: uma nova ordem social e urbana. Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 6, n. 1, 2012.

FARIA, Teresa Peixoto. Configuração do Espaço Urbano da Cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: novas centralidades, velhas estruturas. In Encontro de Geógrafos da América Latina, v. 10, p. 4778-4799, 2005.

FARIA, Teresa Peixoto. Gênese da rede urbana no Norte e Noroeste Fluminense. **Formação histórica e econômica do Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 69-97, 2006.

PESSANHA, R. M.; SILVA NETO, R. **Economia e desenvolvimento no norte fluminense: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo.** Campos dos Goytacazes, Rj. WTC Editora, 2004.

REYS, MM do C. Manuscritos de Manoel Martinz do Couto Reys, 1785. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

RODRIGUES, Antonia Brito; OTAVIANO, Claudia Arcaño. Guia metodológico de trabalho de campo em Geografia. GEOGRAFIA (Londrina), v. 10, n. 1, p. 35-43, 2001.

SOFFIATI, Arthur. Tipos de ecossistema: uma proposta para discussão. Espaço Cultural, Campos: Faculdade de Medicina de Campos, n. 2, 1997.

SOUZA, Marcelo José Lopes. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos.** Bertrand Brasil, 2001.

TAVARES, Rosilene Cunha; MIRANDA, Elis. Representações no espaço: o quadrilátero histórico em Campos dos Goytacazes. Políticas Culturais em Revista, v. 2, n. 2, 2010.